

OBJETOS, SEUS CIRCUITOS, APROPRIAÇÕES E HISTÓRIAS: O MERCADO DAS PULGAS DE PELOTAS

CAIO NOGUEIRA GHIRARDELLO¹; **MICHELI MARTINS AFONSO²**; **KARINA MARQUES GOMES³**; **JULIANE CONCEIÇÃO PRIMON SERRES⁴**

¹ *Universidade Federal de Pelotas – nghirardello@gmail.com*

² *Universidade Federal de Pelotas – mimafons@gmail.com*

³ *Universidade Federal de Pelotas – karinamarquesgomes18@gmail.com*

⁴ *Universidade Federal de Pelotas – julianeserres@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O Mercado das Pulgas de Pelotas (MPP), localizado no Largo Edmar Fetter e junto ao Mercado Central – patrimônio arquitetônico pelotense – teve sua a primeira edição em 21 de maio de 2014. No dia 5 de junho de 2016, foram comemorados dois anos de existência desta feira, que já se mostrou ser fundamental para a vitalidade comercial, apropriação recreativa e cultural do centro urbano. O *Mercado das Pulgas* conta com o apoio da Secretaria Municipal de Cultura e ocorre todos os sábados das 10 às 17 horas.

Na feira são comercializadas peças novas e usadas. Os feirantes oferecem os mais variados e inusitados tipos de objetos como artísticos, artesanatos, livros, discos, roupas... Nesta pesquisa, nos debruçamos sobre aqueles que são mais emblemáticos às *Feiras de “Pulgas”* ou *“Antiguidades”*: objetos alienados de uma vida funcional primária e selecionados para uma “segunda vida” que se concretiza ao final de uma negociação comercial e simbólica entre expositor e consumidor.

Além dos objetos à venda, há também peças que não são comercializadas, mas que ficam expostas com o intuito de compartilhar algo materializado que remete ao passado e a alguma memória.

Discutir a relação entre os elementos supracitados, sendo eles: o *Mercado das Pulgas* como espaço de socialização e o Mercado Central, instituído como patrimônio arquitetônico e cenário; assim como as relações entre os atores: expositores, frequentadores e objetos revestidos de valores simbólicos (LATOUR, 2015)¹ – são objetivos desta pesquisa, que encontra-se em fase inicial.

Relacionado ao projeto em andamento *Museu das coisas Banais* (MCB)², esta pesquisa tem como mote, a investigação das relações semânticas possíveis entre objetos e sujeitos, assim como as aproximações e distanciamentos dos fenômenos observado na feira com o *fato museal*³

¹ Para o autor, *ator* pode ser “individual ou coletivo, humano ou não humano”, obtendo relevância se e quando associados a uma ação.

² Projeto em execução desde 2014, proposto e coordenado pela Prof. Dra. Juliane Conceição Primon Serres, desenvolvido em nível de pesquisa e extensão. O objeto central é a abordagem das coisas do cotidiano em seu potencial museal – refutando a importância exclusiva dada à aquilo que se refere a presentificação dos próceres – como portadores de memória e na qualidade de objetos biográficos. Por meio da pesquisa é discutido o *status* desses objetos e experimentado o processo de *musealização* em meio a um *museu virtual*. Para além da comunicação, objetiva-se fomentar a discussão da preservação *lato sensu*, ou seja, não somente como a garantia de existência física de uma “coisa em um museu”, mas sim ao que caracteriza o processo de *musealização*: registrar e discutir os significados articulados por um objeto.

³ Definido por Waldisa Rússio como “a relação profunda entre o homem – sujeito conhecedor – e o objeto, parte da realidade sobre a qual o homem igualmente atua e pode agir” melhor observado em um cenário institucionalizado: o museu. (GUARNIERI, 2010).

2. METODOLOGIA

O projeto de pesquisa, ainda em caráter inicial, está sendo executado por meio de revisão bibliográfica; levantamento histórico do Mercado Central de Pelotas e do processo de revitalização comercial e cultural que, vem ocorrendo desde 2002 a partir do convênio firmado entre município e União através do *Programa Monumenta* (IPHAN, 2012); Pesquisa de campo no Mercado das Pulgas. Revisão bibliográfica sobre feiras de rua e formas de comércio de objetos (*re*)significados; observação participante; mapeamento e classificação dos expositores e visitantes e, por fim, desta fase de levantamento de dados, porém cotejada com reflexões, entrevistas por questionários específicos.

A pesquisa está organizada através de um roteiro, que contempla: a) Feirantes: levantamento dos feirantes: mapeamento e realização de um histórico de suas atividades com a comercialização de objetos; relação dos objetos que vendem, como são estabelecidos os preços, como funcionam as vendas; a origem dos objetos; como são selecionados; b) Compradores: perfil dos compradores; experiências com esse tipo de mercado; disponibilidade de pagamento - quanto estão dispostos a pagar; valor dos objetos; destino dos objetos adquiridos (novos circuitos).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O MPP não se constitui somente pela questão financeira e suas vendas, mas sim, por seu lado cultural, pela ativação patrimonial e requalificação social do centro histórico.

Verificamos no espaço de socialização “amplas conexões”, pois nem sempre a única relação que se tem nesses espaços de negociações é exclusivamente monetária, há também a troca social, de histórias e vivências que constituem essas conexões, leva-se também em consideração o que os objetos (seja para venda ou exposição) tem para contribuir para essas relações, qual a importância deles, qual seu valor, como se dá esse valor, o que podem nos contar e qual sua contribuição para a preservação do passado (DEBARY, 2010).

A feira também se configura em um espaço propício à pesquisa desenvolvida pelo MCB. São realizadas entrevistas com os antiquários e visitantes com o objetivo de descobrir quais são as relações encontradas naquele espaço entre sujeitos e objetos. Deste modo, um dos apontamentos à compreensão da feira, parte do entendimento sobre a constituição deste espaço de socialização, que conta com a presença dos mais variados tipos de atores, assim como as *trocas* e (*re*)produções que são realizadas em meio deste espaço.

Fica a necessidade de ressaltar que, a feira pode ser observada como fruto de uma conjuntura de demandas sociais, pois a existência dos atores envolvidos, assim como os processos desenvolvidos neste espaço – relativamente recém constituído – já existiam e operavam por outras formas, porém não estabelecidas em espaço público. Nesta perspectiva, fica também explícita que a feira trouxe a possibilidade de interlocução destes diversos atores sociais, que agiam em meio de espaços particulares e com menor interação coletiva. Levanta-se a hipótese que a feira pode ou poderá influenciar as percepções e diálogos dos envolvidos diante da confluência e interação de diferentes indivíduos e grupos.

Devemos considerar que o MPP, conta com a participação direta de colecionadores locais, dos comerciantes de *briks*, antiquários, *connaisseurs* e do público seja ele visitante ou consumidor.

Destes atores especializados, outro campo singular ao contexto pelotense é a estreita relação travada entre os antiquários e briks – designação provável derivação do termo francês *bric-à-brac* que significa “quinquilharias” ou “miudezas” e em termos semânticos, faz oposição ao estatuto de “antiguidades”(Tavares, 2010). No entanto é perceptível que nos “briks”, diversamente do que é observado em outros centros urbanos, os interesses dos brechós e antiquários são conciliados. Por esta observação, pode ser trazida a premissa que a adoção do nome “Mercado das Pulgas”, faz referência a outras feiras de mesma natureza, como os *marchés aux puces*, na França, os *flea markets* nos Estados Unidos, porém os sentidos e relações sociais presentes nesta feira de Pelotas merecem atenção pela singularidade, dos atores envolvidos e das relações estabelecidas.

Um dos caminhos para o entendimento das relações travadas na feira é o percurso percorrido por Pricila Loretta Tavares em sua dissertação de mestrado, em 2010, para a análise da Feira de Antiguidades da Praça XV no Rio de Janeiro. Como perspectiva teórica e metodológica e por meio de uma análise etnográfica a autora buscou “encarar o sistema de relações dos objetos através de uma cadeia produtiva com seus vários nichos, que formam o mercado de antiguidades, onde passam a ser valorizados e comercializados.” (TAVARES, 2010 p.12)

Octave Debary, nos trás a semelhança da seleção e consumo destes objetos em sua “segunda vida” com a eleição de indicadores de memória ao processo de musealização/ patrimonialização, ou seja, na transformação do objeto utilitário/banal em documento. Em ambos os casos é aplicada a “lógica de revalorização dos restos da história (...) [e emprego] de uma política de conservação daquilo que desaparece” (2010). Apesar disso, diferentemente, o processo de musealização depende da possibilidade da recuperação da “vida pgressa” e dos contextos relativos à vida social e, não em primeiro plano, na observação de valores arraigados na excepcionalidade, raridade, originalidade, materialidade e em sua transcrição num valor monetário. Também, ponto diferencial entre os dois processos de valoração, é a atribuição de significados numa perspectiva coletiva – a qual se destina o objeto patrimonial –, obstante do segundo caso que se centra no indivíduo consumidor. De todo modo, o que não podemos negligenciar é que tanto no consumo patrimonial ou de objetos selecionados para a segunda vida comercializada, são as possibilidades de construção de narrativas, na retomada de memórias afetivas ou sociais e na significação de simples objetos à qualidade de *semióforo* (POMIAN, 1984).

Por meio da dissertação de Pricila Loretta Tavares e no registro audiovisual da primeira edição do “Mercado das Pulgas de Pelotas” veiculado pelo programa televisivo *Jornal do Almoço* de Pelotas (RBS TV, 2014), foi possível observar como ocorre a autoidentificação de alguns expositores diante papel social praticado no evento. Em ambos os casos foram identificados indivíduos que não se reconhecem como comerciantes, porém sim como colecionadores que participam do evento com finalidade de exibirem as suas coleções e as colocarem para exibição pública. (POMIAN, 1984) Desta forma, procuram ampliar as suas relações com demais frequentadores com interesses afins e conferem aos seus estimados objetos a função de mediadores sociais tão atuantes quanto os frequentadores humanos. (LATOUR, 2015)

4. CONCLUSÕES

Não comum a todas as feiras congêneres é a presença de feirantes especializados em arte ou artesanato. Em razão deste compartilhamento de espaço na feira, podemos levantar a hipótese para a intersecção, a “raridade” do domínio da técnica artesanal, ou seja, a possibilidade do consumidor adquirir algo que está se extinguindo e, se presente em sua memória afetiva, quando identifica aquele *saber fazer* comercializado, o produto pode adquirir *status* de portador de memória.

Espera-se com essa pesquisa construir uma análise consistente sobre os objetos de segunda mão (ou vida) e as relações nas quais são mediadores, com isso, pretende-se analisar os objetos, valores, circuitos passados e futuros. Analisar o cenário onde essas relações entre homens e objetos ocorrem, ou seja, o Mercado Central de Pelotas, mais especificamente o MPP. Espera-se conhecer e analisar essa prática comercial da venda de objetos de segunda mão em feiras semanais, bem como entender o potencial dessa prática na requalificação de um lugar, como o Mercado Central.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEBARY, O. Segunda mão e segunda vida: objetos, lembranças e fotografias. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.2, n. 3, p. 27-45, 2010.,

GUARNIERI, W. R. C. A interdisciplinaridade em Museologia. In: BRUNO, M. C. O. (Org.) **Waldisa Rússia Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2010. v.I 123 – 126.

IPHAN. **Programa Monumenta reinaugura o Mercado Público de Pelotas – RS**. Portal IPHAN, Brasília, 19 dez. 2012. Notícias. Acessado em 25 jul. 2016. Online. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/741/programa-monumenta-reinaugura-o-mercado-publico-de-pelotas-%E2%80%93-rs>

LATOUR, B. Uma sociologia sem objeto?. **Valise**, Porto Alegre, v.5, n.10, p. 165 - 187, 2015.

LORETTI, P. **Do lixo ao luxo: a valorização de objetos a partir da Feira de Antiguidades da Praça XV**. Março de 2010. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

POMIAN, K. Coleção. In: **Enciclopedia Einaudi (Memória – História) v.1**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984, p. 51 – 86.

RBS TV. Primeira edição do mercado das pulgas em Pelotas foi um sucesso. Jornal do Almoço, Pelotas, 02 jun. 2014. Acessado em 25 jul. 2016. **Online. Disponível em:** <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/jornal-do-almoco/videos/v/primeira-edicao-do-mercado-das-pulgas-em-pelotas-foi-um-sucesso/3389078/>